

# **Um mundo, olhares diferentes ou um olhar, mundos diferentes? Problematizando o perspectivismo ameríndio e questões ambientais**

## **The world, different looks or the look, different worlds? Questioning the Amerindian perspectivism and environmental questions**

**Wagner de Deus Mateus**

Centro de Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Amazonas  
[wagnermthus@gmail.com](mailto:wagnermthus@gmail.com)

**Maria Inês Gasparetto Higuchi**

Lab. Psicologia e Educação Ambiental, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia  
[mines@inpa.gov.br](mailto:mines@inpa.gov.br)

### **Resumo**

Perspectivas de mundo são condutas para interagir com o ambiente. Baseado nisto, a temática a ser discutida traz consigo pensamentos para perceber o ambiente por outras óticas, e assim articular o perspectivismo ameríndio como abordagem ao entendimento de questões socioambientais em voga no cenário atual. Foi revisitado o debate antropológico abordando o etnocentrismo, multiculturalismo e o perspectivismo ameríndio para compreender como se processa a relação Cultura e Natureza, uma reflexão sobre a concepção multinaturalista ameríndia para desfazer as fronteiras entre grupos e indivíduos enquanto espécie e pensar nossas interações com o real. O perspectivismo ameríndio ou multinaturalismo é uma forma de perceber o mundo e suas interações e têm influência direta na forma de entender o ambiente. Exercitar a saída do egocentrismo e passarmos para a alteridade em processos educativos faz emergir a sensação de sermos apenas mais uma espécie na terra, pequena e frágil.

**Palavras chave:** Perspectivismo, Multiculturalismo, Questões ambientais

### **Abstract**

World prospects are conduits to interact with the environment. Based on this, the topic under discussion brings thoughts to perceive the environment by other optical, and so articulate the Amerindian perspectivism as an approach to the understanding of environmental issues in vogue in the current scenario. Was revisited anthropological debate addressing ethnocentrism, multiculturalism and the Amerindian perspectivism to understand how to process the relationship Culture and Nature, a reflection on the multinaturalista Amerindian design to break the boundaries between groups and individuals as a species and think our interactions with reality. Amerindian or multinaturalism perspectivism is a way of perceiving the world and their interactions and have direct influence on the way to understand the environment.

Exercising the output of egocentrism and move on to the otherness in educational processes brings out the feeling of being just another species on earth, small and fragile.

**Key words:** Perspectivism, Multiculturalism, Environmental Questions

## Quem sou? O que sou? Quem ou o que não sou?

São essas reflexões à luz de questões transcendentais do imaginário humano que tomamos como subsídio para discutir as incompreensões dos diversos seres acerca do ser e como este constrói sua realidade e a identifica no outro. Mas quanto às respostas, elas podem ser e são inúmeras, mas ratificamos a condição de sermos seres que vivem e querem viver, pois segundo Maturana e Varela (2001, p.52), todos indistintamente “produzem de modo contínuo a si próprio”, ou seja, constituem-se uma organização autopoietica.

*Autopoiesis*, de origem grega pela junção do termo *auto*, que quer dizer *próprio* e *poiesis* referente à criação. Trata-se, portanto de uma autocriação de si mesmo, o que sugere adaptação do ser vivo ao ambiente como algo dinâmico e sistêmico inerente a sua existência. São habilidades que os sistemas vivos possuem para gerir sua autonomia-produção-regulação e interações com meio, não pela lógica da causa-efeito, mas como uma condição própria de si.

O pensamento de Maturana e Varela (2001) e Maturana *et al.* (1997) por não seguir a lógica da causa-efeito, mas sim de olhar para o real para tentar fugir da hegemonia do conhecimento eurocêntrico. Esta forma de pensar coaduna-se ao de outros autores latino-americanos como o sociólogo peruano Aníbal Quijano (1990, 2000), que em sua *Epistemologia Outra*, discute uma radical democratização da sociedade para assim descolonizar o saber nos seus mais diversos âmbitos constituintes, sejam eles trabalho, sexualidade, outridade, intersubjetividade, história e afins.

As proposições de estarmos resgatando tais autores se fazem pelo objetivo de repensarmos a produção de conhecimento feita por nós e valorizar nossos olhares. Para Quijano (1990, 2000), como seres sociais saímos do estágio de “colonização”, no entanto, mesmo passado esses nublados períodos não deixamos de ser colonizados, vivemos hoje um neocolonialismo. Para o autor, o espírito colonizado nos habita, assim como as tradições, o que evidenciaria a colonialidade do poder em especial o eurocêntrico sobre a favela América latina.

Mas a mencionada superioridade eurocêntrica, assim como a norte-americana, trata-se muito mais do que nós, enquanto latino-americanos, os percebemos e nos percebemos, do que de fato acontece ou o é. Mesmo assim, de algum modo somos ensinados a acreditar que o de fora é melhor, é mais bonito, é o mais certo, senão o verdadeiro. Felizmente isso não passa de uma invenção, ou nas palavras Hobsbawn (2002), uma tradição inventada, já que está assentada em um conjunto de práticas de natureza simbólica, uma repetição do passado que são abertamente aceitas. Basta olharmos para a sociedade e perceber duas situações acerca disso, a primeira condiz ao mercado econômico, onde as moedas, euro e dólar são unanimidade para as transações financeiras, e a outra se reflete sobre as produções e comunicações científicas, as quais o idioma inglês é uma condição *Sine qua non* para ter vez e voz nas academias.

Baseando-se neste cenário, a temática central a ser discutida neste texto, traz consigo ideias para problematizar as questões ambientais, o mundo e suas interações por outra perspectiva que não a eurocêntrica com seu antropocentrismo hegemônico, já que este não é e nem pode ser encarado como o único ponto de vista a ser considerado em uma análise. Portanto, o movimento iniciado aqui busca a articular o perspectivismo ameríndio ou multinaturalismo,

termo cunhado pelo antropólogo brasileiro, Eduardo Viveiro de Castro, para utilizá-lo como abordagem ao entendimento de questões em voga no cenário cultural e socioambiental.

Para isso, fez-se necessário uma revisitação ao debate antropológico abordando o etnocentrismo hegemônico, multiculturalismo e o perspectivismo ameríndio. Dessa forma, a compreensão de como se processa a relação Cultura e Natureza e inicia-se na reflexão sobre a concepção multinaturalista ameríndia e como este pode desfazer as fronteiras entre grupos e os indivíduos enquanto espécie para pensar nossas interações com o real.

## **Fronteiras, grupos, indivíduos**

A necessidade de uma sessão com esta chamada é relativa à discussão do enviesamento etnocêntrico e antropocêntrico, que em sua maioria caracteriza a pesquisa científica. Quando se analisa algo, nesse caso um grupo social, há intrinsecamente uma comparação, ponderação e avaliação, e quem o faz, é um sujeito que está posto em um espaço-tempo definido, e o faz levando para sua discussão, mesmo que implicitamente, aspectos culturais e sociais de sua formação tanto acadêmica quanto pessoal.

Isso revela o viés etnocêntrico, uma visão do mundo a partir do grupo ao qual pertencemos tornando-o centro de tudo, onde aos demais cabem serem ajuizados perante nossos sentidos, valores, modelos e definições do que é o real, o que se subentende como sendo o ambiente ou o sistema ambiental. Tem-se assim uma única visão de mundo, que não deixa de ser uma forma de preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz ao mesmo tempo em que procura discutir temas comuns (ROCHA, 1984; LARAIA, 1986; LEVI-STRAUSS, 1993; MENESES, 1999; FOLADORI e TAKS, 2004; VIVEIROS DE CASTRO, 2004).

Para Levi-Strauss (1993) isso se reflete na recusa em admitir a diversidade cultural, preferindo-se repetir da “nossa” cultura tudo o que esteja conforme as normas, princípios e valores sob a qual vivemos. A constatação da existência dessas fronteiras ou limites culturais, além de dividir a população humana, gera conflitos étnicos em uma espécie de purificação dos selvagens. A história humana nos mostra que culturas ditas “superiores” provocaram verdadeiros massacres étnicos ao redor mundo, sejam por orientação religiosa, obtenção de recursos naturais, expansão e domínio de territórios.

As minorias étnicas são exemplos de como o etnocentrismo ideológico é letal, e isso não se reduz aos grupos indígenas e negros. Flores (2008) cita que durante a expansão do imperialismo (1884-1918) e o domínio militar e econômico da África e da Ásia pelas potências europeias, a expressão etnocentrismo passou a ser quase sinônimo de eurocentrismo. Na qual tinha a Europa como detentor dos conhecimentos para qualquer desenvolvimento humano, perpassando técnicas agrícolas à Filosofia. Nesse caminho Meneses (1999) também cita, “a época dos descobrimentos”, “época das luzes”, centralidade religiosa e a fonte dos conhecimentos sistematizados, a Ciência.

A condição antropocêntrica do etnocentrismo europeu e norte-americano tornou-se com o passar do tempo um elemento hegemônico que pode ser encarado como uma dominação politicamente correta, com seus modelos científicos, econômicos, sociais, educacionais e culturais a serem seguidos. Essa constatação nos ajuda a compreender algumas situações relativas aos problemas socioambientais da atualidade, pois partindo do princípio na noção de antropocentrismo, no qual o *Homo sapiens sapiens*, enquanto espécie protagonista, por uma tradição, inventada, sustenta que os demais seres existem apenas para servir aos seus interesses (FELIPE, 2009; ALVES, 2012; ABREU e BUSSINGUER, 2013).

O fato de trazermos essas duas concepções de mundo é um movimento para evidenciar as causas dos problemas socioambientais da atualidade. No entanto, devido à preconceitos e indiferenças culturais, a intolerância, assim como o sentimento egoísta humano de instrumentalizar tudo e todos, tem-se o processo que de acordo com Singer (1993) trata-se da valorização instrumental em contraposição ao valor intrínseco, no qual tem-se o valor como meio para um outro fim ou objetivo.

Para exemplificar, Singer (1993) cita que a felicidade tem valor intrínseco, pois a desejamos por si e em si mesma, já o dinheiro contrariamente só possui valor instrumental. Dessa forma, o etnoantropocentrismo vigora como paradigma hegemônico fato que para Viveiros de Castro (2004) se dá pela sua estruturação e organização social tornando-a matriz e condição para a existência da oposição entre Natureza (ambiente) e Cultura.

Essa dicotomia está relacionada à ética antropocêntrica e pode ser identificada como a iniciadora da maioria dos problemas socioambientais globais, pois orienta a centralidade do ser humano como dono do jardim onde as demais formas de vida só existem para lhe satisfazerem. Essa percepção do mundo pode ser compreendida como duas ontologias de um total de quatro condensadas nos estudos de Descola (2005) que se baseiam em uma interioridade e fisicalidade, são elas: o naturalismo, que prega a dicotomia natureza-cultura e o analogismo com sua escala de semelhanças, o homem é o topo, as demais seriam o totemismo e animismo.

Descola (2005) ressalta que nessa perspectiva, as ontologias não correspondem às áreas culturais, mas que convivem e são presentes em cada indivíduo. De acordo com o autor, essas ontologias nos habitam e são externalizadas em determinadas situações. Por exemplo, ao nos inclinarmos a participarmos de movimentos pelos direitos dos animais, estamos dentro da ontologia animista, pois se entende que nós e os demais animais possuímos a mesma interioridade, ou seja, uma alma, nos diferenciando apenas pela fisicalidade, além do que eles possuem a mesma estrutura que a nossa. Mas uma organização diferente, então porque não ter os mesmos direitos? Isso vai de encontro ao que a perspectiva naturalista percebe, já que o animal é um animal e nós somos os seres sapientes.

O mundo quadripartido no entendimento de Descola (2005), nos faz adentrar no mérito de uma multiplicidade de olhares acerca de um mesmo objeto, o ambiente/natureza, e como nos relacionamos com ele a partir de marcas culturais, estabelecendo assim uma multiculturalidade.

## **Facetas do multiculturalismo, relativismo e diversidade cultural**

A discussão que se encaminha nos conduziu à expressões que evidenciam a cultura em sua face múltipla e com isso também entendimentos múltiplos, fato este verificado na lista de termos como os citados no título desta seção.

Num primeiro momento temos as considerações de Lopes (2006) e Semprini (1999) que abordam o multiculturalismo como uma teoria voltada à defesa e valorização da cultura dos diversos grupos que compõem a humanidade. Nessa perspectiva defender o diferente não significa ser nem melhor nem pior do que ninguém. Ao contrário, se trata de caminhar contra a uniformização ou padronização do ser humano, valorizando as especificidades e a diversidade.

O multiculturalismo também possui viesses de um Relativismo cultural que nas palavras de Meneses (1999), considera as sociedades e culturas alternativas tão válidas quanto as nossas. Esses povos cuja própria existência questiona nossa maneira de ser, quebra o monopólio, que

comumente nos atribuímos, da autêntica realização da humanidade no planeta. E, portanto, o multiculturalismo como teoria ajuda a compreender as interações entre os diversos grupos sociais humanos.

A evidência e respeito pelas diversas formas de culturas, suas marcas, suas peculiaridades, assim como a diversidade que se manifesta mais e mais à medida que interagimos e compreendemos que somos mais parecidos com o outro do que imaginávamos, que posso até confundir o eu com o outro e vice-versa. Sobre esse processo de conhecimento e diversidade estrutural Levi-Strauss (1993, p.2) escreve que “a diversidade das culturas é de fato no presente, e também de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a dela conhecer”.

A ênfase em ressaltarmos a diversidade e o respeito como ângulo do multiculturalismo é um adendo para apresentar a noção do *sumak kawsai*, expressão andina que significa “plenitude do viver” ou “viver bem”. Para Houtart (2011) no contexto indígena, esse termo denota a forma holística de viver e conviver, integrada com a natureza e em simbiose com os seres humanos.

A harmonia entre os seres como argumento filosófico do *sumak kawsai* é uma das inúmeras formas de interpretar o multiculturalismo, pois a partir do momento que aceitamos o outro com todas suas características que o identificam como ele é, deixamos dissipar as fronteiras existentes da separação do eu e do outro. Aceitar o outro independente se sua escolha é aceitá-lo enquanto ser vivo, para além de um ser cultural, mas que merece a mesma forma de respeito, escolha e a possibilidade de viver a vida na sua plenitude.

Dessa forma, reconhecer o outro pela sua importância *per se*, independente da espécie, é reafirmar a condição igualitária dos seres, pois tal como explicitado na Teoria da Evolução de Charles Darwin, as diferenças existentes entre humanos e não-humanos dizem respeito apenas a graus e não à espécie, negando assim a possibilidade de especismo.

A alternativa em perceber o mundo pelas diferentes representações é a inovação do multiculturalismo afirmando que há uma única natureza e diversas formas de interagir com ela. Ainda assim toma para si uma relatividade de análise com resquícios de etnocentrismo de quem avalia, mas sem o preconceito radical dos tempos passados, o aceite do outro pela sua cultura é maior.

Então, é na intenção de minimizar o ainda presente viés do etnocentrismo multicêntrico por assim dizer, que nos baseamos na cosmologia ameríndia como caminho de percepção, pois para Viveiros de Castro (2004, p.239) trata-se de “uma unidade representativa ou fenomenológica puramente pronominal, aplicada indiferentemente sobre uma diversidade real. Uma só ‘cultura’, múltiplas ‘naturezas’; epistemologia constante, ontologia variável”. A cosmologia ameríndia destacada por Viveiro de Castro (1996, 2004) sugere assim um perspectivismo como também forma de compreensão do mundo, não descartando o multiculturalismo, mas apenas adotando um multinaturalismo, já que o autor não a entende como uma representação.

## **Perspectivismo ameríndio, outros olhares, mesmo mundo**

Pensar o perspectivismo antes mesmo de discuti-lo já é o cerne do que a cosmologia ameríndia se baseia, é um ponto de vista. Viveiro de Castro (1996, p.116) escreve que “como está claro, penso que a distinção natureza/cultura deve ser criticada, mas não para concluir que tal coisa não existe (já há coisas demais que não existem)”. Não se trata, portanto de contradizer os argumentos do multiculturalismo ou do relativismo cultural para em seguida

rechaçá-los. Quanto a isso Viveiros de Castro (1996, p.115) fala que o perspectivismo ameríndio “trata-se de uma concepção, comum a muitos povos do continente, segundo o qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos.”

Para Viveiros de Castro (1996, 2004, 2007, 2011), o envoltório em que se localiza o perspectivismo ameríndio parte em principio de um ponto de vista. Com isso, todos que habitam a Terra são pessoas, mas de origens diferentes. Entende-se que a diversificação é relativa à natureza e não a cultura, isso justifica do porque o autor, em suas mais recentes publicações, utilizar o termo “multinaturalismo”.

E para não cair em armadilhas do relativismo e universalismo, a cosmologia ameríndia não sugere que um animal possa ser como uma pessoa, mas sim que o animal, nesse caso, um queixada, como exemplifica o autor, se veja humano. Por outro lado essa referência não acontece com toda as formas de vida da floresta, pois a relação que há é inerente a presa e predador, então nesse entendimento não pode ser elevado a generalizações.

Se por um lado o multiculturalismo discute o respeito e modos de interação com todas as formas de cultura, mesmo assim fica no plano do ser humano, da pessoa, da gente. E quanto aos animais? Para o perspectivismo “os animais são gente, ou se vêem como pessoas [...] que a forma manifesta de cada espécie é um mero envelope (uma “roupa”) a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.117).

Ao considerar que todos são gente ou se vêem como gente, resgata-se a noção de animismo cunhada por Descola (2005) no estudo sobre o povo Achuí no Oeste Amazônico. Neste estudo, tem-se a percepção de um estrato social que permeia todas as formas de vida que ali estão interagindo simbioticamente, o que reforça a não adoção da dicotomia cultura e natureza como paradigma antropológico.

A escolha do perspectivismo ameríndio como concepção de mundo e modo de interagir como ele, é aceitar que “o ponto de vista cria o sujeito; será sujeito quem se encontrar ativado ou ‘agenciado’ pelo ponto de vista” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.126). Baseado nisso, o autor escreve que para o perspectivismo o que de fato há é apenas uma cultura, ao passo que a natureza é múltipla, um mesmo olhar, múltiplos mundos.

Com isso, o autor põe em discussão a condição da pessoa, pois em tempos passados quando todos éramos iguais, não existia a gente e o animal, mas sim a gente-onça, a gente-anta, a gente-queixada, a gente-macaco e assim por diante. Contudo, por não obedecermos a certos mandamentos ou por não termos conseguido realizar algumas tarefas do dia-a-dia, ou mesmo termos infligido alguma regra, a gente-onça, deixou de ser um único ser e passou a ser dois, logo os animais seriam ex-humanos e não o contrário.

Essa mudança de perspectiva revela que nós seres humanos não somos e nunca fomos os seres mais importantes, e é possível até afirmar que ficamos parados no tempo, porque ainda não conseguimos perceber e muito menos ser o outro. Isso de dá pelo fato de ainda interagimos apenas com uma interface do outro, que seria o corpo. Nossa compreensão dos seres que também habitam o ambiente é extremamente reducionista, pois a lógica de pensamento que estamos imersos não nos possibilita enxergar a alma, a alma dos seres que nos cercam.

A reflexão a ser feita é a de que, se continuarmos a não perceber o outro na sua totalidade e importância, permaneceremos voltando ao mesmo estágio de pensamento e atuação etnocêntrica movida pela dominação, hegemonia, controle e imposição. Fatos esses que desencadearam os principais problemas ambientais, como a extinção da biodiversidade, seja

pelo desmatamento, pela defaunação, exploração do outro, instrumentalização dos bens naturais, todas as formas de poluição e degradação do ambiente, as guerras, a fome, a escassez de água e por aí a fora.

São pontos de vistas, são perspectivas, são múltiplos olhares, mas antes de tudo são formas de interação com o mundo. Trata-se assim de formas de respeito, de defesa, de aceitação, de diálogo, mesmo o etnocentrismo com sua carga preconceituosa, suas marcas ideológicas também é uma forma de interação e compreensão.

Aspectos estes que não se diferem do objetivo do multiculturalismo, relativismo cultural e perspectivismo. No entanto, esses três últimos exemplos tentam de alguma forma se distanciar do núcleo analisador, em um movimento para dissipar qualquer hierarquização que possa originar níveis. E por mais que se queira não podemos nos colocar no ponto de vista de Sírius, para analisar o outro e a nós mesmos.

O perspectivismo ameríndio ou multinaturalismo é uma forma de perceber o mundo e suas interações, tendo como objeto o real, e, portanto têm influência direta na forma de entender e mesmo dar orientações para uma ética ambiental. Uma ética que pode nos fazer exercitar a saída do papel do eu e passarmos a ser o outro, esse deslocamento de perspectiva como plano de fundo de processos educativo acerca da questão ambiental pode fazer emergir a sensação de sermos apenas mais uma espécie na terra, pequena e frágil.

Esse retorno a nossa origem enquanto espécie e contato mais íntimo com a natureza e a natureza dos demais seres, da fauna e flora, no momento ainda é possível. Ainda temos parques, reservas, florestas, rios, lagos, mas se a lógica do pensamento desenvolvimentista etnoantropocêntrico continuar, os bens comuns como água, ar, terra e sociobiodiversidade passaram a ser apenas mais um instrumento de comercialização no mercado.

É fato que o pensamento reducionista está mais para um aceno a distância do que uma realidade, pois mais e mais a sistemática das interações e interdependências dos sujeitos no ambiente são evidentes. Com isso as questões ambientais renovam o fôlego para pulverizar seu conteúdo e numa forma de acoplamento estrutural. Nesse sentido damos força ao que afirmam Maturana e Varela (2011), para transformar a organização dos organismos para alcançar novas formas de pensar e agir no ambiente, ter novas posturas, visões e comportamentos com o ambiente e seus constituintes.

## **Agradecimentos e apoios**

Ao Programa de Apoio à Participação em Eventos Científicos e Tecnológicos (PAPE) da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)

## **Referências**

ABREU, I. S.; BUSSINGUER, E. C. A. Antropocentrismo, ecocentrismo e holismo: uma breve análise das escolas de pensamento ambiental. **Derecho y Cambio Social**, Out., 2013.

ALVES, J. E. D. **Do antropocentrismo ao ecocentrismo**: uma mudança de paradigma. In: MARTINE, G. (Ed.). População e sustentabilidade na era das mudanças ambientais globais: contribuições para uma agenda brasileira. Belo Horizonte: Abep, 2012.

DESCOLA, P. **Par-del à nature et culture**. Paris: Éditions Gallimard, 2005.

FELIPE, S. T. Antropocentrismo, Sencientismo e Biocentrismo: perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. **Revista Páginas de Filosofia**, v.1, n.1, Jan-Jul, 2009.

FLORES, E. C. **Nós e Eles**: etnia, etnicidade, etnocentrismo. In: ZENAIDE, M. N. T.; SILVEIRA, R. M. G.; DIAS, A. A. (Org.). **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. Brasília; João Pessoa: MEC/UFPB, p. 21-40, 2008.

FOLADORI, G. TAKS, J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. **MANA**, v.10, n.2, 2004, p.323-348.

HOBSBAWN, Eric. **Introdução**. In: **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOUTART, F. El concepto de sumak kawsai (bien vivir) y su correspondencia con El bien común de La humanidad. **América Latina em Movimento**, ALAI, 2011. Disponível em: <http://alainet.org/active/47004&lang=es>

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. – Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: **Antropologia Estrutural II**. 4 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LOPES, A. M. D. A contribuição da teoria do multiculturalismo para a defesa dos direitos fundamentais dos indígenas brasileiros. In: **XV Congresso Nacional do CONPEDI**, Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006, p.78-90.

MATURANA, H. R; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin – 9 ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MATURANA, H. R. et al. **A ontologia da realidade**. [s.l.] UFMG, 1997.

MENESES, P. Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. **Revista Symposium**, v.3, Número Especial, Recife: Unicap, 1999.

QUIJANO, A. Notas sobre los problemas de La investigación social em América Latina. **Revista de Sociologia**, v.6, n.7, Lima, 1990, p.11-26.

\_\_\_\_\_. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. LANDER, E. (comp.). **Colonialidad del saber: eurocentrismo y Ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas**, Bueno Aires, CLACSO, UNESCO, p.201-246, 2000.

ROCHA, E. **O que é Etnocentrismo**. Ed. Brasiliense, 1984, pág. 7-22.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Tradução Laureano Pelegrin – Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SINGER, P. **Ética Prática**. Lisboa: Gradiva, 1993. Tradução Álvaro Augusto Fernandes. Título original inglês: **Practical Ethics**, Cambridge University Press.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, v.54, n.2, 2011, p.885-917.

\_\_\_\_\_. **A natureza em pessoa**: sobre outras práticas de conhecimento. Encontro "Visões do Rio Babel, Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro, Instituto Socioambiental, Fundação Vitória Amazônica, Manaus, Mai., 2007.

\_\_\_\_\_. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar**, n.18, Set., 2004.

\_\_\_\_\_. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v.2, n.2, 1996, p.115-144.